

ETNOLINGUÍSTICA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS TUPI E MACRO-JÊ

Mileide Terres de Oliveira¹

RESUMO

Atualmente no Brasil há cerca de 181 línguas indígenas, estas se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias linguísticas, as quais, são reconhecidas como aparentadas geneticamente num nível mais remoto, constituindo um conjunto de conjuntos, a que se chama tronco linguístico. O Brasil possui dois grandes troncos linguísticos: O Tupi e o Macro-Jê. O Tupi-Guarani compreende dez famílias distribuídas pelo nosso território e se divide em oito sub-grupos. O tronco linguístico Macro-Jê abrange doze famílias e tem uma peculiaridade hipotética, devido ao seu descobrimento recente e poucas pesquisas relacionadas ao mesmo. A elaboração deste artigo visa analisar estes dois troncos linguísticos, com o objetivo de descrever as principais características entre eles e seus pontos em comum, pois se trata de estudos etnolinguísticos importantes para nosso país. Há uma polêmica sobre qual a classificação da língua da etnia Rikbaktsa, se ao Macro-Jê ou Tupi, diante disso foi abordado autores de base empírica que sustentam esta polêmica linguística numa análise dos verbos que procedem neste povo.

Palavras-chave: Etnolinguística, Rikbaktsa, Etnia.

ABSTRACT

Currently in Brazil there are 181 indigenous languages, these are distributed by a little over 40 sets, which usually give the name of language families, are recognized as closely related genetically to a level remote, constituting a set of assemblies which is called linguistic branch. Brazil has two large trunks language: The Tupi and Macro-Jê. The Tupi-Guarani comprises ten families located throughout our territory and is divided into eight sub-groups. The Macro-Jê linguistic branch covers twelve families and has a peculiarity hypothetical, due to its recent discovery and few queries related to it. The preparation of this article is to analyze these two trunks language, in order to describe the main characteristics between them and their commonalities, because it is important for studies ethnolinguistic our country. There is a controversy over what sort of language of ethnicity Rikbaktsa if the Macro-Jê and Tupi, before it was approached authors of empirical underpinning this controversy in a linguistic analysis of the verbs that come in these people.

Keywords: Ethnolinguistic, Rikbaktsa, Ethnicity.

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil existem 180 línguas indígenas que se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias linguísticas. De acordo com Rodrigues (2005), os maiores troncos linguísticos do país são o Tupi e Macro-Jê.

O tronco linguístico Tupi compreende dez famílias distribuídas pelo nosso território e se divide em oito sub-grupos. O tronco linguístico Macro-Jê abrange doze famílias. Dentre as particularidades morfológicas do Tupi-Guarani, iremos estudar os verbos e suas classificações e compará-los com os falantes Jê. O objetivo do artigo é abordar a polêmica que envolve a identidade linguística dos índios Rikbaktsa, que são incluídos no tronco linguístico do Macro-Jê. Grande parte desta população vive nas reservas indígenas do município de Juína, em Mato

¹ Licenciada em Língua Portuguesa/Inglês e respectivas Literaturas pelo Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena (AJES) Juína-MT. Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Cáceres-MT. E-mail: milly-0502@hotmail.com

Grosso, com cerca de 1.100 pessoas distribuídas por mais de 30 aldeias, e seu território faz fronteira com os Cinta Larga, cuja língua pertence ao tronco Tupi.

Outro aspecto que cabe ressaltar é o de que a língua dos Rikbaktsa, segundo o Atlas da Unesco (2010), é considerada uma língua em extinção. Ao longo dos anos está vem perdendo seu espaço legítimo de propagação da cultura, pois segundo Pacini (1999), ocorreu uma aculturação da língua, quando as crianças desta etnia sobreviventes dos massacres que a população indígena sofreu na década de 1970, foram levadas para missões religiosas e proibidas de se comunicar em sua língua nativa. Em virtude deste processo, atualmente as gerações mais jovens entendem a língua nativa, mas não a falam entre si, ocasionando a perda da identidade Rikbaktsa.

Considerando as diversas pesquisas realizadas sobre a língua dos Rikbaktsa, há uma polêmica acerca de qual qualificação linguística seria mais cabível para esta etnia, sendo que possuem características Tupi e Macro-Jê. Esta polêmica será abordada ao longo do trabalho, com ênfase nas características de fala dos indivíduos e nos atributos de cada tronco linguístico, pois os Rikbaktsa podem ainda pertencer a outra família, descoberta ou não pelos etnolinguístas. Este artigo se foca nos verbos e faz um levantamento da forma como eles foram estudados pelos pesquisadores Boswood, que foi patrocinado pelo SIL (*Summer Institute of Linguistics*), pelos debates dos estudiosos da língua Rikbaktsa Aryon Dall’Igna Rodrigues e Léia de Jesus Silva e o dicionário de Sheila Tremaine, editado pelo SIL, que classifica os verbos, por meio destes trabalhos analisaremos se há consenso ou não na polêmica abordada.

1. ETNOLINGUÍSTICA

A língua de um povo faz parte da cultura e suas características definem a identidade do mesmo. Segundo Bakhtin (2006): “A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”. O conjunto de palavras estudadas pela morfologia e os sons pela fonética, formam as falas dos indivíduos e a semântica nos mostra o significado deste todo. De acordo com Chomsky (1984) quando uma pessoa adquire uma língua ela desenvolve um sistema de regras que atribui som e significado. Consideramos que ela pertence a uma forma lógica de representação e uma forma fonética. Esta estrutura recai sobre a forma fonética, forma lógica e a relação entre elas. Para Chomsky (1970) “a língua é como uma estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam seus arranjos e organização. Mas essas matérias-primas finitas podem-se combinar para resultar num produto infinito.”

Segundo Rodrigues (2004) o estudo etnolinguístico começou a surgir no Brasil no início do século XX. Cândido da Silva Rondon, oficial responsável pela denominada Comissão Rondon, realizada no Mato Grosso, esteve em contato com os Boróros e declarou ter aprendido a língua dos mesmos, pois se preocupava com a documentação científica dos levantamentos geográficos. Rondon também incorporou à expedição etnógrafos que observaram os povos indígenas pelas frentes expedicionárias, verdadeiros pesquisadores que procuravam registrar fatos linguísticos, foram eles: Edgard Roquete Pinto, de F. C. Hoehne e o bacharel João Barbosa de Faria. O próprio Rondon contribuiu para a documentação das línguas indígenas, esta se constitui em listas de palavras, umas mais e outras menos extensas, em geral registradas sem recursos técnicos de transcrição. Há alguns registros de textos e também alguns ensaios de descrição gramatical.

Para Rodrigues (2001) há grande diversidade entre as línguas indígenas do Brasil, principalmente de natureza genética, que permite classificar as línguas em conjuntos com origem comum mais próxima ou mais remota. Em nosso país se destacam dois troncos linguísticos: O Tupi e o Macro-Jê.

2. TRONCO LINGUÍSTICO TUPI

De acordo com Rodrigues (2001) o Tupi é a língua que abarca a maior parte do território nacional, com registros de ocorrência no Amapá e norte do Pará; no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; no litoral atlântico e ainda em Rondônia, assim como nos principais afluentes meridionais do rio Amazonas, no Madeira, no Tapajós, no Xingu e também no Tocantins e Araguaia. O tronco linguístico Tupi é constituído por dez famílias linguísticas para as quais é admitida uma origem pré-histórica comum. Estas famílias são reconhecidas como aparentadas geneticamente num nível mais remoto, constituindo um conjunto de conjuntos, a que se chama tronco linguístico, nesse caso o tronco Tupi. Essas dez famílias são as seguintes: Arikém (AR), Awetí (AW), Jurúna (JU), Mawé (MA), Mondé (MO), Mundurukú (MU), Puruborá (PU), Ramaráma (RA), Tuparí (TU) e Tupi-Guarani (TG). A língua Tupi-Guarani é um grupo linguístico que se divide em oito sub-grupos, e um deles pertence aos Tupinambás, sendo suas características mais Tupi do que Guarani.

3. TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ

O tronco linguístico Macro-Jê abrange doze famílias e tem uma peculiaridade hipotética, devido ao seu descobrimento recente e poucas pesquisas relacionadas ao mesmo. De acordo com Boswood (1973) Lévi-Strauss e Nimuendajú afirmam que os grupos Jê ocupam a metade leste do planalto Brasileiro. Para Rodrigues (1999) o Macro-Jê tem línguas distribuídas desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul, a Aruak no oeste e no leste da Amazônia, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, e a Karíb ao norte do rio Amazonas, nos estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, mas com algumas línguas ao sul daquele rio, ao longo de seu afluente Xingu, nos estados do Pará e Mato Grosso.

4. A POLÊMICA RIKBAK TSA

Pires (2009) afirma que ao tronco linguístico Macro-Jê pertencem os índios Rikbaktsa, que se localizam nas reservas indígenas do município de Juína, em Mato Grosso. Habitantes imemoriais da bacia do rio Juruena, no norte do Estado, vivem em três terras indígenas na mesma região: a Terra Indígena Rikbaktsa, a T. I. Japuira e a T. I. Escondido, num território de cerca de 320 mil hectares de mata amazônica. A sua sociedade divide-se em duas metades, a da arara amarela e a arara cabeçada.

No século XX com o início do terceiro ciclo da borracha os Rikbaktsa foram descobertos pelos seringueiros. Neste período iniciou-se o conflito entre seringueiros e índios, devido a exploração que se sucedeu nas terras indígenas. Segundo Silva (2005) estes índios eram denominados “Canoeiros pelos seringueiros devido a grande habilidade no manejo de canoas, e Orelhas de Pau, uma referência aos batoques que usam nos lóbulos das orelhas.” O conflito cessou quando iniciou-se a “pacificação” comandada pelo padre jesuíta João Evangelista Dornstauder entre os anos de 1956 e 1962.

Segundo Silva (2005) após a “pacificação”, muitas crianças Rikbaktsa foram levadas para o Internato Jesuítico Utiariti, onde conviviam com crianças indígenas de outras etnias, neste internato eram obrigadas a se comunicar somente em Português e eram castigadas quando falavam suas línguas maternas. No final da década de 60 o internato fechou e as crianças voltaram para suas aldeias. Os jovens Rikbaktsa encontraram dificuldades em se adaptar e chegaram a criar uma aldeia separada chamada “Indianópolis.”

Conforme afirma Boswood (1971, p.01): “Há algum tempo atrás a língua Aripaktsá era tida como não-classificada. A maioria das provas geográficas levaram a um provável parentesco com o Tupi.”

A classificação dos Rikbaktsa no tronco linguístico Macro-Jê tem uma definição duvidosa:

[...] o fato desta língua apresentar tais qualidades (mas outras características também permitem pensar essa conexão) pode nos levar a pensar que os Rikbaktsa nem são ‘totalmente’ Jê e nem ‘totalmente’ Tupi, guardando traços de ambos os troncos, como um elo entre estes dois grandes grupos, agora pensados com contínuos e não mais como dois grupos absolutamente distintos e discretos (PIRES, 2009, p.58).

É através da língua que se detém a comunicação e ela não deve ser estudada isoladamente, pois de acordo com Chomsky (1970) a mesma envolve um conjunto de percepções semântico-fonéticas que são determinadas pela sua estrutura sintática.

O estudo das línguas indígenas é de fundamental importância para a expansão dos estudos etnolinguísticos, acerca da preservação e conhecimento das línguas indígenas vigentes em nosso país, pois a alienação ao fato nos faria descasos à cultura e preservação da mesma em nosso território. Boas (2004) foi um antropólogo que comparou as diversas línguas do Pacífico Norte por meio de levantamentos regionais, listas de vocabulário e notas, ele afirma que as etimologias das línguas indígenas devem ser investigadas com base na estrutura das línguas para que não sejam vistas como meras conjecturas.

Percebemos que atualmente no Brasil, os estudos linguísticos na área indígena vêm se aperfeiçoando, entretanto, quando se fala em etnolinguística, o estudo deve ser muito mais detalhado e acessível a outros pesquisadores. Para Seky (1999) o problema consiste na elaboração de trabalhos aleatórios, sem uma visão de conjunto da língua estudada, ela constatou que muitos trabalhos acabam não atingindo o objetivo maior, ou seja, uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários.

O que podemos constatar é que os Rikbaktsa possuem características linguísticas dos falantes Jê, entretanto, sua área está dentro dos domínios Tupi. Talvez esta questão geográfica seja pouco relevante, em decorrência das inúmeras aberrações contra os indígenas, o que levaram muitos deles a migrar de suas terras nativas para de outrem. Mas as particularidades Rikbaktsa nos deixam lacunas em relação a sua classificação linguística, pois há estruturas não utilizadas no Tupi. A classificação se deu por um antropólogo que quis denominar os indígenas Rikbaktsa num tronco linguístico mais próximo de suas evidências.

Percebemos que esta denominação pode não ter sido satisfatória, contando que estes índios possam ser de outra família linguística, talvez uma própria de sua cultura e aspecto, algo que deve ser estudado e aprofundado com cautela e objetividade. Pois, quando se trata da Língua de um povo temos que levar em consideração suas raízes, cultura e, sobretudo, a identidade que perpetua em suas terras.

5. OS VERBOS DO TUPI E MACRO-JÊ, NA PERSPECIVAS DOS RIKBAKTSAS

A Língua Tupi é rica em relação à sua estrutura morfológica, entretanto, neste trabalho iremos abordar uma classe gramatical: os verbos. Os verbos em Tupi denotam ação, mudança ou estado. De acordo com Rodrigues (1953) dentro dos verbos temos as conjugações que consistem “na união do tema aos pronomes pessoais que representam o sujeito e o objeto direto do processo verbal.” Os verbos são classificados em intransitivos, que têm significação completa e não admitem objeto direto, e transitivos, que têm significação incompleta e necessitam de um objeto direto.

Os verbos são classificados em formas remáticas que compreendem o indicativo I, permissivo, imperativo, gerúndio e nome relativo. E as formas onomáticas que são o indicativo II, subjuntivo, nomes de agente, de circunstância, de objeto, de paciente, de agente habitual e de propensão.

Para Rodrigues (1953) a forma remática do indicativo I expressa a realização do processo verbal, como por exemplo, a expressão: “*a-só*” que significa “eu fui”. O permissivo, por sua vez, exprime a autorização, uma ordem, como “*t-ía-só*”, que quer dizer “vamos!”. O imperativo diz respeito a um pedido: “*e-só*”, que para a língua portuguesa corresponde a “vai!”. E o gerúndio pode exprimir uma simultaneidade como por exemplo: “*a-ñeéng gúi-xó-*

bo”, que quer dizer: “vou falando”, ou a finalidade do processo indicativo por outro verbo: “a-só gáí-ñeéng-a”, seu significado é “eu vou para de falar”. Além disso, o gerúndio compreende o aditivo que fala sobre o mesmo sujeito que realizou outro processo, assim como: “xe-aiubán, xe-mo-mbytá-bo, kúár-a pukú-í o-kagü-ábo, o-poraséi-a, o-íégúák-a”, que significa: “abraçaram-me e fizeram-me ficar, e durante todo o dia beberam cauí, dançaram e enfeitaram-se.”

Os falantes da Língua Jê possuem algumas particularidades nos verbos. Conforme estudos realizados pela pesquisadora Silva (2005, p.57): “Os verbos se flexionam para as categorias de pessoa, número, tempo, aspecto e modo. Sintaticamente, eles exercem a função de núcleo de predicado.” Podemos identificar três subclasses de verbos: intransitivos, transitivo e auxiliar.

De acordo com Boswood (2007), os verbos descritivos servem para descrever o estado do sujeito, eles são constituídos por: prefixo+raiz+rê+sufixo, como por exemplo: “*kakpyrêta*”, que quer dizer: “estou com frio”, ou “*karaparêta*”: “estou com fome”. Observa-se que “quando se fala ligeiro, a sílaba “*rê*” une-se com a sílaba antecedente e as palavras são pronunciadas: “*kakpaíta*”: “estou com frio.”

A pesquisadora Sheila Tremaine (2007), autora do dicionário da língua dos Rikbaktsa, faz um registro dos verbos pela raiz, pois afirma que “na língua rikbaktsa não se encontra uma forma equivalente ao infinitivo do verbo do português.” Conforme consta em seus estudos, às vezes, duas sílabas podem se tornar uma só, quando eles falam rapidamente, como por exemplo: “Quando ‘r’ ou ‘h’ ocorre entre duas vogais iguais, a consoante desaparece e as duas vogais se tornam um vogal longa.” Podemos perceber esta alteração na palavra “*karapukarâta*”: “estou com sede”, quase sempre se pronuncia “[ka:pukaæta].”

Os verbos transitivos na Língua Jê são os que podem ter um objetivo, como por exemplo, em português, costurar, que possui uma finalidade. Estes verbos no presente e futuro estão marcados pelo prefixo *pi-* antes de uma consoante e *p-* antes de uma vogal, assim como: “*Kaje kasuk piwowoko*”, que quer dizer: “Minha mãe está costurando minha roupa”.

Os verbos intransitivos não tem uma finalidade propriamente dita, como o verbo sentar, por exemplo. De acordo com Tremaine (2007), o verbo sentar em Rikbaktsa, significa “*dyhy*” e “caçar” é pronunciado “*horo*” ou “*wak*”, alguns verbos são marcados no presente e futuro por *my-*, como a frase: “Vou caçar”, que na Língua Jê se pronuncia: “*mywak*”, ou seja, acrescenta-se o prefixo *my-* para a conjugação do verbo. Segundo Boswood (2007), “alguns verbos podem ser transitivos ou intransitivos, dependendo do prefixo que os marca: “*kymy Ikiza asuk pikymy*”, que quer dizer: “Vou aprontar sua roupa” e também a frase interrogativa: “*Asuk sa mykymyky?*”: “Sua roupa está ficando pronta?”

A Língua Macro-Jê utiliza o oposto *-hik* para dar a idéia de ‘contínuo’, sendo o seu sentido relacionado a ação do verbo que já aconteceu. Por exemplo: “*ziboroko*”, significa: “estava comendo”, com a substituição do sufixo “*-ko*” para “*-hik*”, percebemos que o sentido se completa: “*ziborohik*”, quer dizer: “comeu”. Assim como: “*iknarahaka*” quer dizer: “eu estava caindo” e com a alteração temos: “*iknarahahik*”, o qual significa na Língua Jê: “caí de uma vez”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos por meio desta análise dos verbos da língua Rikbaktsa que as diferenças existentes entre os troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê nos levam a considerar pertinente a classificação dos Rikbaktsa ao grupo Jê, apesar de estarem localizados numa região predominante do grupo Tupi. Haja vista, poderão ser realizados outros trabalhos que visem o aprofundamento deste estudo, mas pela observação atual percebemos que há congruência na classificação linguística desse povo e que a etnolinguística busca em suas pesquisas perceber a riqueza da língua e suas variações estruturais, pois um índio, uma etnia, uma cultura, são

identidades que merecem respeito e admiração, estes povos são verdadeiros guerreiros e sobreviventes de uma terra que sempre lhes pertenceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELAAR, Willem. América del Sur. *In*: MOSELEY, Christopher (org.). **Atlas de las Lenguas del Mundo en Peligro Colección Memoria de los pueblos**. Ediciones Unesco, UNESCO, 2010. p. 86 - 94. Disponível em:

<<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em: 29, Maio, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOAS, Franz. O estudo analítico da língua. *In*: **A formação da antropologia americana: 1883-1911 (Antologia)**. Organização e introdução George W. Stocking, Jr. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Contraponto, 2004. p. 193-228.

BOSWOOD, Joan. **Quer falar a língua dos canoeiros?** Rikbaktsa em 26 lições. (Edição Online) Associação Internacional de Linguística–SIL, Cuiabá, 2007. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/RKGram.pdf>. Acesso em: 01, Junho, 2011.

_____. Evidências Para a Inclusão do Aripaktsa no Filo Macro-Jê. **Série Linguística**, Associação Internacional de Linguística – SIL, Anápolis, n. 1, p. 67-78, 1973. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publens/ling/AKMcJe.pdf>. Acesso em: 01, Junho, 2011.

CHOMSKY, Noam. Linguagem. *In*: **Enciclopédia Einaudi: Linguagem-Enunciação**. Lisboa: Empresa Nacional - Casa da Moeda, 1984. v. 2. p. 11-56.

_____. **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis, Vozes, 1970.

LUNKES, Pedro Odilo. **Estudo Fonológico da língua Rikbaktsa**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1967. Disponível em:

<http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=Rikbakts%E1.pdf>. Acesso em: 01, Junho, 2011.

PACINI, Aloir. **Pacificar: relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em:

<http://www.comin.org.br/news/publicacoes/1282915485.pdf>. Acesso: 01, Junho, 2011.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social**. 2009.196f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRES.pdf

Acesso: 01, Junho, 2011

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras. **ComCiência**: revista Eletrônica de Jornalismo Científico, SBPC, Linguagem: cultura e transformação, n. 23, agosto de 2001. (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.). Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>>. Acesso: 01, Junho, 2011

_____. Argumento e predicado em Tupinambá. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, ABRALIN, Universidade de Brasília, Brasília, n. 19, p. 57-66, dez. 1996. Disponível em:

http://w3.ufsm.br/desireemroth/algumas_publicacoes/textos/Boletim.pdf. Acesso em: 01, Junho, 2011.

_____. As línguas gerais Sul-Americanas. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, USP, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 16-18, 1996. Disponível em: <http://vsites.unb.br/il/labind/lingerais.htm>. Acesso em: 01, Junho, 2011.

_____. Sobre a Contribuição Linguística da Comissão Rondon. **Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC**, SBPC, Cuiabá, MT - Julho/2004. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/AryonRodrigues-conf.htm (4 of 4)9/21/2010 10:53:40 AM. Acesso em: 01, Junho, 2011.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura**, SBPC, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 35-38, abril/junho, 2005.

SEKI, Lucy. A Linguística Indígena no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. v.15,p.257-290, 1999. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso: 29, Maio, 2011.

SILVA, Léia de Jesus. **Aspectos da Fonologia e Morfologia na Língua Rikbaktsa**. 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/tese:silva-2005a/silva_2005.pdf. Acesso em: 01, Junho, 2011.

TREMAINE, Sheila. **Dicionário: Rikbaktsa – Português/Português – Rikbaktsa**. Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, Cuiabá – MT, 2007.